



Equipas de Nossa Senhora

A Herança do Padre Caffarel

Monsenhor François FLEISCHMANN
O Conselheiro Espiritual del ERI

Roma 2003

Introdução

O Pe. Caffarel, que morreu em 18 de Setembro de 1996, nasceu no dia 30 de Julho de 1903. Neste ano do centenário do nascimento de Henri Caffarel, no âmbito do nosso encontro de Casais Responsáveis Regionais, acompanhados por numerosos Conselheiros Espirituais, compete-nos tomar consciência da herança que nos deixou esse sacerdote fora do comum, fundador das Equipas de Nossa Senhora.

A minha intenção, evidentemente, não é fazer o retrato da vida e da obra do Pe. Caffarel. Jean Allemand já o fez, com competência e talento; e vocês certamente sabem que, mais recentemente, ele traçou um belo esboço espiritual no livrinho *Orar 15 dias com Henri Caffarel*.

Com a ERI, pareceu-nos útil destacar alguns aspectos essenciais daquilo que Henri Caffarel trouxe às Equipas, por seu ensinamento e pelos seus numerosos escritos ligados à criação, expansão e animação do Movimento. Ele próprio, quando olhava para o passado, cuidava de tirar lições para os passos seguintes. É o que nos cumpre fazer nestes primeiros anos do novo milênio, como responsáveis de um movimento centrado no casamento.

Era preciso escolher. Retenho quatro pontos de vista essenciais sobre os quais ainda teremos que refletir muito se quisermos, por um lado, ser fiéis ao “carisma fundador” das Equipas e, por outro, fazê-lo viver num contexto muitas vezes diferente daquele que a primeira geração viveu. Recordemo-nos que falando em Chantilly, em 1987, quatorze anos depois de ter deixado a direção das Equipas, o Pe. Caffarel conduziu uma impressionante reflexão sobre o carisma fundador e, com grande lucidez, fez um balanço contrastante. Deixou à criatividade dos que prosseguem no caminho o encargo de orientar o futuro do Movimento.

A espiritualidade do casal

Por volta de 1940, poucos movimentos cristãos integravam casais enquanto tais. Os engajamentos propostos na Igreja dirigiam-se separadamente aos homens ou às mulheres, até mesmo nas missas de primeira comunhão! A pedido de alguns jovens casais e com a sua participação ativa, o Pe. Caffarel vai discernir as bases de uma espiritualidade dos casais casados.

Espiritualidade, isso era correntemente considerado uma especialidade dos religiosos, celibatários, enquanto o casamento era mais ou menos depreciado. Podemos também dizer que a sexualidade era, o mais das vezes, compreendida, nos meios fervorosos, como uma espécie de concessão inevitável para a procriação e para apaziguar o desejo; o seu sentido cristão era pouco explorado.

Henri Caffarel, quanto a ele, afirma que os leigos devem “definir bem quais são os seus meios e os seus métodos, o que constituirá a espiritualidade do cristão casado” (*Conferência aos Responsáveis de Equipe*, 1952).

Interessaram-me os editoriais das Cartas Mensais das Equipas nos primeiros anos. Em junho de 1950, por exemplo, Caffarel dá uma definição da espiritualidade: «A espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã e dos caminhos que conduzem ao seu pleno desenvolvimento.» Logo a seguir o Pe. Caffarel deixa claro que não se trata, para os casais que procuram construir a sua espiritualidade, de *se evadirem do mundo*, mas sim *de aprenderem como, a*

exemplo de Cristo, podem servir a Deus em toda a sua vida e em meio ao mundo. É-lhes necessário descobrir que a espiritualidade não consiste apenas em iniciativas como a oração ou a ascese, mas que ela implica no serviço a Deus no lugar que cada um ocupa, na família, no trabalho, na cidade.

- No centro da perspectiva espiritual aberta aos casais, Caffarel coloca a sua reflexão sobre o amor, sobre os laços estreitos entre o amor de Deus e o amor humano. É uma chave:

«O amor humano é a referência que nos ajuda a compreender o amor divino. Pelo seu poder de fazer de dois seres um único, salvaguardando a personalidade de cada um, o amor permite-nos adquirir a compreensão da misteriosa união de Cristo com a humanidade e do casamento espiritual da alma com o seu Deus.» (*Reflexões sobre o amor e a graça*, p. 44)

Temos aqui um ponto central: a partir da experiência do amor vivida pelo casal, podemos descobrir o amor de Deus, a sua fidelidade, o seu desejo do nosso bem – ao mesmo tempo que os cônjuges desejam a felicidade um do outro, no plano humano e no plano do desenvolvimento religioso; sem esta dupla dimensão, o seu amor permaneceria imperfeito, Caffarel diz mesmo *mutilado*.

- Para construir a espiritualidade, o Pe. Caffarel insiste no discernimento do verdadeiro objetivo a atingir na vida espiritual. Num vigoroso editorial, intitulado *Objetivo número um*, ele mostra que entre outros objetivos, como a aprendizagem da oração ou o estudo do pensamento cristão, aos quais não devemos renunciar, é preciso destacar o objetivo número um, «A UNIÃO A CRISTO. União a Cristo, quer dizer: imitação de Cristo em todos os momentos e em todas as atividades da vida. (...) Eis o objetivo.» (*C.M.*, fev.1950).

Estamos no cume da espiritualidade do próprio São Paulo! O objetivo é radical. Caffarel nunca gostou de meias medidas. Pela exigência espiritual, ele quer «apontar na direção certa». É verdade que a vida cristã supõe a adesão a uma doutrina, a prática de uma moral, a participação no organismo vivo que é o Corpo místico; mas «ser cristão é antes de tudo isso esse encontro do homem com Deus, essa aliança irrevogável, essa submissão a Cristo, sem condições, onde tudo é posto em comum» (*Reflexões*, p. 160).

- Se nos perguntarmos onde pode ganhar consistência esta aliança espiritual com Cristo, o Pe. Caffarel coloca rapidamente no centro da perspectiva a Eucaristia, cuidando de não isolar este sacramento de outros elementos indispensáveis à vida cristã: a cultura da fé pelo contacto habitual com a Palavra de Deus, a oração meditada e o amor vivo e eficaz pelo próximo (cf. *C.M.*, março 1958).

O Pe. Caffarel analisa o modo como o casal vive a Eucaristia. No número especial da revista “L’Anneau d’Or” - *O casamento caminho para Deus* -, figura um belo artigo sobre *Casamento e Eucaristia*. Embora antecipando algo do meu segundo ponto, é preciso desde já esboçar a reflexão do Pe Caffarel sobre este tema.

Ele parte de uma meditação sobre as palavras de Jesus em Cafarnaum: «*Quem come da minha carne e bebe do meu sangue permanece em mim e eu nele.*» (Jo. 6, 56-57). E prossegue: «Marido e mulher, vós que comeis a carne de Cristo, que bebeis o seu sangue, que viveis na vossa alma e no vosso corpo a vida de Cristo, que permaneceis nele, e ele em vós, como não vos amaríeis com um amor completamente diferente do amor dos outros homens, com um amor ressuscitado?»

A união entre dois seres encontra-se enriquecida pela própria vida de Cristo que têm em comum, com um «alegre conhecimento do Pai, um jorrar de amor filial.» Em comunhão com Cristo, o amor dos esposos é transformado pela graça da Eucaristia que lhe traz «purificação, novidade de vida», e o leva a querer partilhar «o amor e a alegria de Deus, a santidade» (pp. 253-254)

Mais profundamente ainda, o Pe. Caffarel diz ao casal que se Cristo renova na Missa a sua única oferenda do Calvário é, e aqui eu cito, « porque ele quer que o seu sacrifício penetre até às profundezas carnis e espirituais do vosso casal, afim de criar em vós também um estado de alma permanente de oferenda ao Pai» (p. 261). Em suma, como Cristo vive o seu sacrifício na Igreja por ocasião da Missa, ele deseja vivê-lo no casal que se dispõe habitualmente a um verdadeiro dom de si: os dois dão-se um ao outro e ao mesmo tempo oferecem o seu amor a Deus, do qual eles tudo receberam por intermédio de Cristo.

- O Pe. Caffarel sabe situar com profundidade o sentido da vinda e da presença dos filhos do casal. Fiquei impressionado com estas duas frases retiradas das *Reflexões*:

«O Criador fez do amor o insubstituível colaborador da sua paternidade. Por amor do amor, Deus se comprometeu: não terá outra posteridade senão aquela que lhe será dada pela união do homem e da mulher.» E ainda: « Esposos, reconhecei uma pulsação do Coração de Deus nesse ardente desejo de filho, presente no mais íntimo do vosso amor » (p. 44).

Assim, a fecundidade, a capacidade de procriar são um dom de Deus, partilha da sua própria paternidade. E o desejo de dar a vida associa inseparavelmente o amor do casal e o amor de Deus presente em seu seio. A procriação e a educação manifestam, como diz o Pe. Caffarel noutra parte, o *agapé* que vivem os cônjuges e que eles aspiram a comunicar. (cf. *O Casamento, caminho para Deus*, p. 288)

Quando se trata de educação, privilegia-se a educação espiritual; o Pe. Caffarel pede que nos lares « se formem “buscadores” de Deus», que freqüentem a Bíblia, que rezem juntos, que integrem na oração familiar elementos da oração litúrgica da Igreja.

- Um aspecto que não deve ser negligenciado naquilo a que o Pe. Caffarel chama “*via mística*” do casal cristão, é o sentido do pecado e do perdão de Deus. Pois a espiritualidade do casal não poderia ser idealizada. Quando sobrevêm as opacidades de um para com o outro, as incompatibilidades, as diversas formas do mal que divide, os esposos cristãos devem descobrir que são pecadores.

Os fracassos do amor levam a tomar consciência de que mesmo o amor tem necessidade de ser salvo. Caffarel conclui um parágrafo intitulado *Comunidade pecadora, arrependida e perdoada* com estas palavras: « Se, consentindo na cruel descoberta [de serem pecadores], a comunidade conjugal se torna por fim *comunidade penitente inserida* na grande comunidade penitente da Igreja e recorre ao seu Senhor, de cuja presença e solicitude não quer duvidar, então, abrindo-se ao perdão, ela renascerá para a esperança. » (*O Casamento, esse grande Sacramento*, pp. 332-333).

O sacramento do matrimônio

- A reflexão de Henri Caffarel sobre o sacramento do matrimônio é um dos cumes daquilo que nos deixa em herança, com uma busca espiritual de longo alcance, mas também com uma preocupação constante de decifrar a realidade da vida conjugal à luz da união com Cristo. Em Roma, em 1959, em poucas palavras ele diz o essencial:

«O matrimônio cristão, sacramental, não só representa a união de amor de Cristo com a Igreja, mas faz participar o casal nesta união. O que quero dizer é que, graças ao sacramento do matrimônio, o amor que une Cristo à Igreja é o mesmo que trabalha para unir, fazer viver e alegrar o marido e a mulher. » (*As Equipes de Nossa Senhora, vocação e missão dos Casais cristãos*, p. 61)

É preciso distanciar-se de uma concepção que veria no sacramento do matrimônio apenas um auxílio de Deus para fortificar ou curar o amor humano. Seria colocar a graça ao serviço de um certo conforto. Isso não impede os esposos cristãos de desenvolver todas as qualidades humanas da sua vida conjugal, porque é nessa mesma realidade que a graça atua para os fazer avançar rumo à santidade.

- O tema fundamental, sabemos-lo, é ver, na esteira de São Paulo, o casamento como intimamente ligado à união de Cristo e da Igreja e, já no Antigo Testamento, às núpcias de Deus com o seu povo. Caffarel pergunta-se: «Por que o casamento evoca a união de Cristo e da Igreja?»

Fundamentalmente, o casamento é em si mesmo um mistério de união, de intimidade, dos corpos, das inteligências, dos corações, das atividades – isso evoca a união de Cristo com os membros do seu Corpo. Essa união chega até à partilha do sofrimento pelos esposos, pois a Cruz sela a união total de Cristo com a humanidade. O casamento é também fecundidade, irradiação do seu amor, à imagem de tudo o que o Senhor faz nascer pela sua caridade sem limites. Enfim, a alegria aproxima o casal cristão da glória do seu Senhor, a «alegria de uma posse que nada pode romper» (cf. *Reflexões*, pp.69-70)

A experiência do amor permite ao ser humano contemplar esse segredo de Deus que são as núpcias do Filho com a humanidade. Mas há mais ainda, cito: «a última palavra de Deus sobre o amor humano – aquela que podemos repetir mas não explicar: o amor consagrado pelo matrimônio está destinado a fazer correr nos nossos corações um pouco dessa caridade divina que une Cristo à Igreja.» (*ibid.*, p. 71) A consequência é que a vida do casal, a sua paternidade e a irradiação do seu amor participam da missão de Cristo e da Igreja.

O sacramento do matrimônio exprime a união de Cristo e da Igreja e isso prepara a comunicação desse mistério na Eucaristia, onde se encontra «o infinito do dom e a plenitude de vida» (*ibid.*, p. 72).

- O campo de ação da graça sacramental, diz-nos o Pe. Caffarel, é o homem e a mulher, bem como tudo aquilo que faz deles um só, aquilo que os prolonga, filhos, casa, ... Em suma, o movimento da Encarnação redentora continua, tornando *sacramento* «o casamento total, em toda a sua realidade jurídica, carnal, espiritual, [...] a tal ponto que a união física do homem e da mulher faz parte integrante do sacramento. A vida conjugal, toda ela, não só está curada, elevada, santificada, como se torna santificadora» (*Casamento, esse grande Sacramento*, p.315).
- No mesmo contexto, Henri Caffarel mostra-nos que o sacramento do matrimônio, onde a presença ativa de Cristo está tão profundamente implicada, é um elemento essencial da construção da Igreja. Ele não é instituído apenas para o benefício dos que o vivem, mas Cristo toma os casais que santifica para deles fazer pedras vivas da sua Igreja. Ele não os retira do mundo, ele lhes comunica, aí mesmo onde eles se encontram, a sua graça que penetra até os alicerces do casal. Pelo sacramento do matrimônio, os casais fazem-se participantes da construção do Corpo de Cristo no próprio coração da sociedade humana em que estão inseridos.

O Pe. Caffarel faz parte, ao que me parece, dos que popularizaram de novo a concepção tradicional do casal consagrado como *célula da Igreja*, «no sentido de pequena comunidade cristã visível, no seio da grande comunidade que é a paróquia; mas, bem mais profundamente, no sentido de elemento vivo da grande sociedade espiritual que é a Igreja» (*ibid.*, p. 317). Isto significa que o casal não é unicamente uma subdivisão da paróquia, ou da Igreja universal, mas sim que vive em si mesmo muito daquilo que caracteriza a Igreja. Onde vive um casal cristão, já começa a viver a Igreja.

O Pe. Caffarel expôs as condições para que uma reunião de cristãos seja uma *Ecclesia*. Podemos apreciar uma breve síntese, que cito textualmente: «A pequena *Ecclesia* é uma célula da Igreja, Cristo está presente na pequena *Ecclesia*. A pequena *Ecclesia* é a esposa de Cristo e dialoga com Ele. Cristo apodera-se dela para comunicar-lhe o seu duplo amor. A pequena *Ecclesia* descobre então em Cristo e por Cristo o Espírito Santo que Cristo lhe comunica, e o Pai, para o qual o Espírito Santo a conduz.» (*Conferência em São Paulo*, Julho de 1957).

A oração – a oração interior

Sabemos quanto o Pe. Caffarel se empenhou, até ao limite das suas forças, para conduzir os leigos a fazerem a experiência da oração. Dedicou a isso os últimos anos de sua vida, em Troussures, com as suas memoráveis Semanas de Oração. Lembremos ainda os Cadernos sobre a Oração, ou as noites que ele animava em Paris, na Mutualité, acompanhadas por um público numeroso e fervoroso.

Limitar-me-ei aqui também a tocar somente de leve num assunto de tão grande importância; mas vocês têm a experiência da grande riqueza espiritual que o seu fundador abriu às Equipes, assim como a muitos outros leigos.

Freqüentemente, o Pe. Caffarel volta ao caráter vital da oração. A vida sacramental não a pode dispensar; na Carta Mensal de Novembro de 1952, ele escreve: «a Eucaristia numa alma que não ora é semente em terra não lavrada, não pode produzir frutos.»

Ao preparar a peregrinação a Lourdes em Pentecostes de 1954, ele parte de uma observação que retoma com freqüência: o Senhor promete a sua presença nos conagraçamentos: Onde dois ou três estiverem reunidos... Mas Jesus disse-nos também: Quando quiseres orar...ora ao teu Pai que está presente no segredo. Ele chama à oração pessoal, mesmo durante uma grande peregrinação: «Contentar-se com permanecer na multidão que rodeia Cristo sem procurar ter um contacto pessoal com Ele, tecer relações pessoais com Ele, seria mostrar muita indiferença.» (Carta Mensal de Maio de 1954)

É preciso que cada um se comprometa nesse caminho secreto, o único que permite encontrar pessoalmente Cristo. «Este caminho secreto – e estreito – não podemos guiá-vos para ele. É tarefa de cada um de vós descobri-lo. Sede humildes, sede puros, sede dóceis, sede orantes, sede perseverantes e achá-lo-eis. E encontrareis Cristo.» (ibid.)

- Para Caffarel, na vida leiga, a oração interior (“oraison”) ou de meditação é acessível, sobretudo se for alimentada pela Palavra de Deus e se permanecer em união com a oração litúrgica da Igreja e com a vida sacramental. Em 1955, ele publica um notável editorial, retomado em Reflexões sobre o amor e a graça, com o título: “Quantos fracassos”. Trata-se sempre do seu desejo de reagir à perda de dinamismo, à tepidez. Ele o faz recordando três “necessidades vitais”:

- a Eucaristia, que o materialismo reinante não deve levar-nos a desleixar, já que Cristo escolheu o pão de cada dia para se entregar a nós;

- A Palavra de Deus, «viva e recriadora»: «não admira que a vida divina – fé, esperança e caridade – decline e se apague naquele que se esquece de escutar o seu Deus, que lhe fala.»

- «a oração interior não é menos necessária. Ela salva da asfixia a nossa alma [...] A sua vitalidade, sustentada pelo pão da Palavra e pelo Pão eucarístico, pode afinal exercitar-se: a Deus que lhe falou ela responde, a Deus que se entregou ela se abandona. Entre Deus e a alma uma troca viva nasce, essa comunhão à qual todo amor aspira. E pouco a pouco é toda a vida daquele que faz oração interior, e porque a faz, que se torna, ela própria, uma oração.»

Às objeções o Pe. Caffarel responde sempre com firmeza: precisam de um guia? Nós o daremos; podem encontrá-lo. Falta-lhes tempo? Vocês, porém, têm tempo para comer e para dormir, não deixem a sua alma morrer de inanição! (cf. *Reflexões*, pp. 128-129)

- Não é esta a hora de fazer um estudo profundo sobre o ensinamento constante do Pe. Caffarel sobre a oração; vocês conhecem as *Cem cartas sobre a oração*, publicadas com o título *Presença a Deus*. Ou ainda as *Cinco noites sobre a oração interior*. Simplesmente, gostaria de dar mais uma vez a palavra ao Pe. Caffarel, porque ele sabe melhor do que muitos autores sugerir a realidade da experiência que é a oração interior. Uma pequena observação a este respeito, acerca das traduções: o termo “oraison”, em francês, não tem necessariamente o mesmo sentido que os termos

aproximados noutras línguas. Para melhor compreender o termo escutemos as palavras do próprio Padre Caffarel.

« A oração interior (“*oraison*”) significa abandonar essa periferia tumultuosa do nosso ser da qual falava, é recolher, reunir todas as nossas faculdades e mergulhar na noite árida rumo à profundidade da nossa alma. Aí, à entrada do santuário, basta fazer silêncio e prestar atenção. Não se trata de uma sensação espiritual, de uma experiência interior, trata-se de *fé*: acreditar na Presença. Adorar em silêncio a Trindade viva. Oferecer-se e abrir-se à sua vida transbordante. Aderir, comungar ao seu Ato eterno.

«Pouco a pouco, ano após ano, a ponta do nosso ser espiritual afinada pela graça tornar-se-á mais sensível à ‘respiração de Deus’ em nós, ao Espírito do amor. [...] a nossa vida exterior será então a manifestação, a epifania da nossa vida interior. Ela será santa porque no mais profundo de nós estaremos estreitamente unidos ao Deus Santo.» (*Cem cartas*, p. 12)

Num editorial de 1957 intitulado “*Arrazoado em favor da oração*”, que, adaptado, integra-se nas *Cem cartas*, n.º 5, sob o título “*Presença a Deus*”, o Padre Caffarel nos fala um pouco mais da natureza da “oração interior”:

“‘A oração interior, arriscaria dizer, é uma conversa com Deus’, escrevia Clemente de Alexandria. [...] Para Santa Teresa de Ávila, a oração interior é ‘um trato de amizade em que mantemos uma conversa a sós com Deus por quem nos sabemos amados’. [...] Esses termos, ‘trato’ e ‘conversa’ podem contudo gerar um equívoco, fazendo crer que a oração interior consiste essencialmente em falar interiormente com Deus. Ora ela é um ato vital, que nos empenha inteiramente... A oração interior é uma orientação profunda da alma, [...] uma atenção, uma presença bem alerta perante Deus de todo o nosso ser, do corpo e da alma, de todas as nossas faculdades.»

Se nos perguntássemos ainda qual a importância, ou qual o impacto que tem a oração interior, Henri Caffarel responde: «Por que será que a oração possui tão grande poder? Porque, novamente, ela não é atividade do homem, mas sim, atividade de Deus no homem, à qual o homem está associado. Cristo dizia : ‘Meu Pai e eu agimos sem cessar’; o homem que ora reencontra em si mesmo a toda poderosa atividade divina, entrega-se a ela, coopera com ela, oferece-lhe o meio de penetrar num mundo que, de outra forma se fecharia a ela.» (*Cem cartas*, p161).

- Conhecemos bem a insistência do Pe. Caffarel quanto ao papel da oração na vida do casal, a oração conjugal – que muitas vezes parece tão difícil aos equipistas – a oração familiar, que não substitui inteiramente a oração do casal, - o lugar de escol da oração na reunião da equipe, - o mergulho na oração durante os retiros, num silêncio rigoroso de que alguns guardam uma lembrança um tanto penosa.

Henri Caffarel voltava constantemente a convidar à oração, oração ligada à vida sacramental, à vida de todos os dias. Temos de continuar na mesma direção. Pois o risco de que o sentido da oração se enfraqueça não é menos sério no momento atual. Não seria inútil reler de tempos em tempos a Carta Fundadora...

A fundação das Equipes – as exigências

É evidente que a maior herança do Pe. Caffarel é a fundação das Equipes de Nossa Senhora. O desenvolvimento das Equipes em numerosos países - a presença de vocês aqui o testemunha - mostra bem que a herança está viva.

Dentro dos limites desta exposição, desejaria voltar somente a alguns aspectos da obra do Pe. Caffarel e da sua ação, no prolongamento do que já expus. Apóio-me em duas das suas intervenções: *Os objetivos do movimento*, uma conferência feita em 1952 aos Responsáveis; e, mais tarde, a conferência aos Regionais europeus em Chantilly, 40 anos após a Carta, em 1987.

Em 1952, os objetivos do Movimento são expostos em quatro pontos:

- uma escola de vida cristã: «adquirir a compreensão da vida cristã, do que ela é, de todas as riquezas do dogma» e, notadamente, a descoberta das Escrituras, à luz da tradição. «É a vida cristã, no seu todo, em toda a sua amplitude, que é preciso tentar descobrir nas Equipes de Nossa Senhora, porque os equipistas das Equipes de Nossa Senhora devem desejar viver com Cristo, como Cristo, por Cristo, em toda a parte, na esfera conjugal, sem dúvida, nas suas relações com os filhos, com certeza, mas também na profissão, na cidade, na paróquia, no seu lazer.»

Não se procura apenas «convencer os espíritos», mas ajudar-se mutuamente a viver esta vida cristã em toda a sua perfeição. Ajudar-se a viver o que se descobre. Tudo se ordena com vista a este auxílio mútuo: auxílio material, auxílio perante as dificuldades morais; auxílio para descobrir juntos as dimensões da caridade.

«Todos os nossos meios, nas Equipes de Nossa Senhora, todas as obrigações que são assinaladas na Carta não têm outro objetivo senão ajudar à descoberta, à prática da perfeição da caridade.» Assim, a coparticipação, a regra de vida de cada casal, o dever de sentar-se.

- um laboratório para a espiritualidade do cristão leigo casado – disso já falamos. Assinalemos que os equipistas são chamados a refletir na maneira de viver os «conselhos evangélicos» no casamento, na pobreza, na castidade. Trata-se sempre de «ajustar a sua vida ao Evangelho».

- um centro de difusão. Um dos seus objetivos é contribuir para a preparação dos jovens ao casamento. Igualmente, numa «política de círculos concêntricos», o Pe. Caffarel pede às Equipes que trabalhem não apenas na sua expansão, mas ainda que levem outros casais à espiritualidade pela participação em retiros ou recolhimentos, ou ainda em conferências.

- um testemunho. Simplesmente o testemunho da caridade fraterna, no espírito da palavra de Jesus: «Reconhecerão por este sinal que sois meus discípulos, porque vos amais uns aos outros». Os casais, diz a Carta, «querem que o seu amor, santificado pelo sacramento do matrimônio, seja um louvor a Deus, um testemunho aos homens, provando-lhes com evidência que Cristo salvou o amor...»

O Pe. Caffarel reagiu à crítica muitas vezes feitas às Equipes de se considerarem uma elite, algo fechada. Ouçamo-lo: «Eu queria convidá-los simultaneamente ao orgulho e à modéstia. Ao orgulho porque temos uma missão a cumprir, uma missão limitada, é claro, mas missão, apesar de tudo. [...] Mas, ao mesmo tempo, queria que tivessem um sentimento muito forte da nossa pobreza. Nós somos pecadores, por consequência não devemos nos vangloriar da missão recebida, mas pelo contrário sentir o seu peso. Contudo, atenção, é preciso que a modéstia, a humildade cristã, não seja algo que enfraqueça a coragem.»

- Em 1987, trinta e cinco anos mais tarde, o Pe. Caffarel esboça um balanço. Alegra-se com tudo o que foi bem compreendido do carisma fundador, começando pela «reconciliação do amor e do casamento», a descoberta do pensamento de Deus acerca do casal e de todas as realidades da vida conjugal e da família. Ele louva Deus «pelo casamento dos nossos dois sacramentos», o do matrimônio e o da ordem – vocês conhecem a importância que o Movimento concede à presença ativa do sacerdote no seio das Equipes.

Ele registra o que foi menos percebido: ao lado do amor, a abnegação; com o dom de si, o esquecimento de si mesmo. Não aprofundamos suficientemente o sentido cristão da sexualidade; ele afirma: «seria preciso guiar os casais rumo à perfeição da vida sexual». Ele espera que a missão das ENS na Igreja incite a renovar a antropologia, fazendo com que deixe de desconhecer a complementaridade dos sexos e rejeite o maniqueísmo corpo-alma. É preciso desenvolver o auxílio mútuo para caminhar em direção à santidade, santidade dinâmica, ativa, participante na evolução da criação.

O Pe. Caffarel menciona alguns aspectos que não podiam ser percebidos pelas primeiras gerações: é preciso levar em conta os casais que não receberam catequese, cuja prática dominical não é evidente. Há todo o problema das regras morais preconizadas pela Igreja, e mal vividas. Por outro lado, dar atenção aos que desejam ir mais longe ao cabo de vinte ou

trinta anos de vida em equipe. Ajudar os casais a envelhecerem bem, a viverem a sua aposentadoria, a olharem a proximidade da morte.

- Completando estas notas sobre o sentido da fundação das Equipes, é preciso mencionar ainda uma decisão capital, aliás ilustrada pelo nosso Encontro. Como o Movimento se espalhou por um número cada vez maior de países, foi tomada com a equipe dirigente a decisão que o Movimento seria único, independentemente das fronteiras.

«O crescimento das Equipes de Nossa Senhora, saltando fronteiras e oceanos, coloca um problema novo. Seria necessário criar em cada país uma direção nacional autônoma ou conceber um grande movimento com uma única direção?» Uma vez debatida a questão, optou-se pela fórmula do movimento único, e não foi por facilidade. No ‘plano da espiritualidade’ não há fronteiras” (*Vocação e itinerário, 1959*). O Padre. Caffarel insistirá na internacionalização da Equipe dirigente, mas também na submissão filial à hierarquia da Igreja local, em cada país, em cada diocese.

Nossa Senhora

Para terminar, queria ainda evocar um tema caro ao Pe. Caffarel. Não foi por acaso que as Equipes receberam o nome de *Nossa Senhora*. Henri Caffarel tinha uma intensa devoção pela Mãe do Senhor. Mostrou a sua confiança na sua intercessão. Retomo algumas linhas de um editorial, onde ele parte do fato de o próprio Cristo amar a sua mãe, «entre todas as criaturas, com um amor de predileção: é a primeira após o Pai. Este amor à Virgem poderá não estar em mim se eu estou unido a Cristo? [...] Mas atenção! Esse amor de Nossa Senhora não é um sentimento débil: é deslumbramento diante da mais radiosa e da mais santa das criaturas, é gratidão filial para com a Mãe de todas as mães, é vontade ativa de lhe agradar, de a ajudar na sua tarefa, que é, precisamente, a da maternidade junto a todos os homens...» (*Carta Mensal de Maio 1952*).

* * * * *

Pude apenas esboçar alguns elementos da herança que nos deixou Henri Caffarel. Cabe-nos fazê-la frutificar. A nossa responsabilidade é a de preparar, sobre bases espirituais sólidas e tendo em conta a evolução da sociedade, as orientações que permitirão às Equipes de Nossa Senhora viver a Nova Aliança à qual Cristo chama os casais de todas as gerações.